

humanitas

Vol. XVII–XVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

J. M. L.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA
MCMLXV · LXVI



INVESTIGAÇÕES SOBRE CATALDO SÍCULO

I

António de Castro, em meados do século xvi, ao preparar uma edição da obra de Cataldo, que ele julgava a primeira, mas era, de facto, sem que o soubesse, a reedição parcial (1), precedeu-a de uma biografia do humanista italiano.

Para esse estudo, aliás muito curto, da vida de Cataldo Sículo, foi Castro buscar à prosa e ao verso latinos do seu editado, os elementos autobiográficos nelas contidos. E muito piamente acreditou tudo quanto o introdutor do Humanismo em Portugal, em sua opinião tão maltratado dos portugueses, havia dito. Esquecia que o mestre siciliano era artista consumado na arte de lisonjear e de pedir.

Castro leu o epitáfio de Cataldo e acreditou:

Orador, vate, jurisconsulto, Cataldo

Aqui jaz, e consigo jaz Calíope.

Celebrando reis, cavaleiros, tantos poderes, triunfos,

Morreu de tristeza, frio, febre, fome (2).

É escusado dizer que o epitáfio é da autoria do próprio Cataldo.

(1) Cf. «Algumas Relações Italianas de Cataldo Áquila Sículo», do autor do presente artigo, in *Humanitas* XV-XVI (1963-64), p. 367 e segs.. A *Epistolarum Secunda Pars* pouco adianta a respeito das relações de Cataldo com os seus compatriotas, mas já os três livros *De Diuina Censura et Verbo Humanato* são dedicados, respectivamente, o primeiro ao Papa Leão X e o segundo e terceiro ao Cardeal Bernardino.

(2) *Orator, uates, consultus iure Cataldus*

Hic iacet et secum Calliopea iacet.

Dum celebrat reges, equites, tot regna, triumphos,

Maestitia perit, frigore, febre, fame.

(*Poemata*, q—iiiij)

Nesta, como em todas as outras citações latinas, desfiz abreviaturas e actualizei a ortografia.

Mas era preciso chegar-se ao século xx, para que um compatriota do humanista, embora formulando reservas, estendesse a miséria de Cataldo a mais três filhos, todos a morrerem de frio e fome na companhia do desgraçado pai.

É certo que Guido Battelli, o autor desse artigo publicado em 1930 na revista coimbrã *O Instituto*, vol. 79, acha alguma dificuldade em que o mesmo rei, neste caso D. Manuel, que elevara a tença de Cataldo de trinta mil para quarenta mil cruzados, acabasse por deixar o seu servidor em tão precária condição. Mas os *pueri* lá estavam e Battelli faz deles «filhos» de Cataldo.

A frase é de uma das muitas cartas dirigidas a D. Pedro de Meneses: «Nec ego ex aere et uento, ut aspis, uiuo, sed comedo et bibo, ut ceteri homines. Nec tam magnus (ut alias scripsi) philosophus esse uellem. Aurum et argentum uidere nollem, necessaria tantummodo non nollem, ne ego et tres barbati iam pueri fame et frigore torqueremur. O rem sempiterna laude dignam! Cataldus qui per tot annos Portugaliae regibus non in paruis mediocribusue sed in magnis arduisque rebus hucusque inseruierit, mendicet panem!» (1).

Ora bem: desde que, pela primeira vez, li essas linhas sobre os *pueri*, que não acredito que eles fossem filhos de Cataldo.

Se não, vejamos: oferecendo dramaticamente a sua vida pela da Princesa D. Joana, que estava doente em Aveiro, Cataldo diz-lhe que três anos antes fora pai de uma filha, cuja mãe morrera de parto. Ignora se a criança é viva ou morta e pede à Infanta que olhe por ela, se Cataldo morrer em seu lugar. Felizmente, o sacrifício não foi neces-

(1) Este é o texto autêntico que difere um pouco do citado por Battelli. A carta é posterior ao regresso de D. Manuel de Espanha, em Outubro de 1498, e anterior à morte do 1.º Marquês de Vila Real, D. Pedro, durante o ano de 1499. Cataldo estava então a preparar-se para ir ensinar o futuro 2.º Conde de Alcoutim (receberia esse título por morte do avô) e comunicava já a D. Pedro de Meneses (que é como quem diz a seus pais) a necessidade de adequada remuneração. É isso que ele quer dizer principalmente! A carta vem em *Epistolae I*, c.vj. Entretanto, tal como hoje acontece aos chamados explicadores, os alunos podiam não ser de boas contas: «[...] Scire uolunt omnes, mercedem soluere nemo, et si quisquam est qui soluit, tam tenue et tam misere soluit, quod minimum et paene nihilum est. Et ego exercendi potius ingenii mei gratia lego, quam lucrandi animo, donec Rex in grauioribus me occupet [...]» (*Epistolae I*, c-v.º.) Também aqui deve haver exagero!

sário. A Infanta não morreu daquela vez e Cataldo também não. Aliás, a oferta da sua vida era pura galanteria cortesanesca : (1)

*Filia nata mihi uix hinc trieteride, quae nunc,
Nescio si hoc nostrum, an regna superna colat.
Hanc commendaret solum postrema uoluntas,
Edita cum partu est, orba parente fuit.
Si nescis Sicula tellure moratur alumna
Illa tibi curae, si tibi cura mei (2).*

Esta filha nascida ou residente na Sicília, se o pai exprimiu com exactidão a época do seu nascimento, traz um elemento de certo valor à debatida questão da cronologia do humanista. Mas isso é assunto a tratar noutra ocasião.

Em virtude de declarações feitas posteriormente, e a que lá mais para diante terei oportunidade de referir-me, esta filha era possivelmente ilegítima, facto que o seu ilustre progenitor entendeu por bem não revelar à virtuosa irmã de D. João II.

Anos mais tarde, a D. Diogo de Noronha menciona Cataldo uma certa «uxorem castissimam», em carta trasbordante de indignação.

Fora o caso que D. António, irmão de D. Diogo de Noronha e de D. Fernando, segundo Marquês de Vila Real, e tio, portanto, de D. Pedro, conde de Alcoutim, discípulo de Cataldo, falara publicamente, numa reunião concorrida, em menoscabo dos méritos de Cataldo Parísico Sículo, para exaltar as qualidades de um rival que, segundo depreendo, se encontrava de passagem entre nós. O rival era francês.

Escrevendo a D. Diogo de Noronha, Cataldo indigna-se com a sem-cerimónia do fidalgo português, ao pronunciar-se sobre mestres de Belas-Letras, quando a sua especialidade eram armas e peijas militares, e acusa-o de ter ofendido a sua «castíssima esposa»: «Vxorem meam castissimam, fidelissimamque, humanae uitae sociam a puero mihi unitam, Deo hominibusque consentienbus, per tot urbes, per tot

(1) Repetida em outras ocasiões, por exemplo, a D. Jorge: «Vtinam de uitae meae diebus in tuos transferri natura ipsa permetteret, libentissime ingentem dierum meorum partem transferrem. Si dicerem totos donarem, forte immo certe non mentirer». *Epistolae I*, b^oij, v.º; também a Fernando de Alcáçova, com menos largueza em *Epistolarum Secunda Pars*, B^oij.

(2) *Poemata*, o^oiiiij.

regna mecum gradientem, semper illaesam, quisquam eripiet, praesertim in Portugalia, Rege, Regina, totoque regno iuuantibus, protegentibus, acerrimeque propugnantibus?» (1).

A queixa de ingratidão contra os portugueses que tão mal lhe pagam o muito que tem cantado suas glórias (como dirá adiante, numa parte que não citei), envolve mesmo os soberanos. Estaria Cataldo a pedir como satisfação para a ofensa a expulsão do rival que, a seguir, acusa de passar o tempo a fazer troça do país e seus costumes? É possível. Mas voltemos à «uxor castissima».

Esta esposa deve ser a mesma de que fala no livro terceiro do *De Diuina Censura et Verbo Humanato*, livro esse dedicado ao cardeal Bernardino. Uma esposa extraordinária que há muito não tinha filhos, mas apenas recebeu uma carta de Roma, enviada pelo cardeal, de pura emoção concebeu, não obstante a longa esterilidade de que padecia. Ouçamos Cataldo:

*Femina quaeque nouem per menses gestat in aluo
Quod concepit onus: Deus hoc naturaue iussit.
Coniunx sola tribus natos mea mensibus actis
Tris genuit.*

Fica bem claro que a esposa («Coniunx»—chama-lhe ele) de Cataldo, em três meses concebeu e deu à luz três gémeos, isto é, os três livros do poema *De Diuina Censura et Verbo Humanato*.

Mais adiante, não vá o cardeal Bernardino ficar perplexo ante os devaneios de imaginação do humanista, Cataldo condescende em explicar-se melhor:

*Vxoris nostrae: quam fecit epistola nuper
Fecundam ex sterili tua: si uis dicere nomen
Quando creata fuit: positum est inuentio nomen.*

Chamava-se, portanto, *inuentio*, a «criação poética», e foi a ela que ofendeu D. António de Noronha, futuro conde de Linhares. Uma esposa tipicamente humanística que dava à luz *libri*, em vez de *liberi*.

Estes versos são da última fase de sua vida, pouco anteriores ao ano que se supõe ter sido o da sua morte, em 1514, provavelmente.

(1) *Epistolae I*, g^v, v.º.

Mas em época mais recuada, quando do falecimento de D. João II, em carta ao real bastardo D. Jorge, que já então devia estar a sacudir a tutela imperiosa de Cataldo, este explicava assim os seus cuidados pelo discípulo: «Si quando domum redeo, fidelis nostra uxor occurreret, aut filii fratresque circumirent, aut saltem improba concubina (nolo dicere scortum turpissimum) se coram exhiberet (ut quibusdam contigit) forte non tantopere de te rebusque tuis sollicitarer» (1).

Cataldo não era, portanto, casado em 1495, quando faleceu D. João II. Tinha o humanista então quarenta anos completos, sendo, pois, da idade do Príncipe Perfeito (2), como se vê por um passo desta mesma carta a D. Jorge, no qual a si próprio se designa por «homo ultra quadragesimum et secundum constitutus annum», isto dois anos depois da morte de D. João II, ocorrida em 25 de Outubro de 1495.

Também tinha por esposa, como já vimos, a «criação poética», quase vinte anos mais tarde. Era, portanto, celibatário convicto.

No pedaço atrás citado, da carta a D. Jorge, Cataldo dá como razão do seu afecto pelo príncipe, a quem tanto se dedicara, exactamente a ausência de afectos familiares, sobretudo a inexistência na sua vida de companhia feminina.

Não quer isto dizer, entretanto que lhe desagradassem as mulheres portuguesas do seu conhecimento.

Se é certo que numa pequena composição enviada à Rainha D. Leonor, esposa de D. João II, Cataldo se recusa a ensinar certa «pulchram matura aetate puellam / Blandaque cui roseo ridet in ore Venus», a sua reserva deve ter que ver sobretudo com o desejo de não perder tempo, manifestado em outras ocasiões, e com o pouco prazer que lhe dava ser transformado em mestre de gramática. As suas ambições eram outras, as de poeta, orador e historiador latino dos reis de Portugal. Poderia documentar estas afirmações, sem dificuldade, com trechos de cartas e poemas.

Se ao evitar a discípula recomendada pela rainha, e que decerto

(1) *Epistolae I*, b^oii, v.^o/iii.

(2) A esse facto me parecem aludir, figurada e lisonjeiramente, os versos seguintes dum epigrama dedicado a D. João II:

*O me felicem, cui te sub Principe nasci
Contigit, hoc tanto glorior officio*

(*Poemata*, p^ovj, v.^o)

pertencia à alta nobreza, o humanista lembrava a D. Leonor, com um à-vontade muito seu, que não é bom chegar a estopa ao fogo («*Ignem cum stuppa uis admiscere furentem*»), a verdade é que o belo sexo lhe não desagradava.

Há confidências suas, principalmente para o conde de Alcoutim, que mostram que nem todo o tempo o gastava a escandir hexâmetros e a caçar coelhos, como parecia supor D. Carolina Michaelis (1).

Em uma ocasião, ao que se depreende dos seus versos, o jovem conde, muitos anos mais novo, sentiu mesmo a necessidade de aconselhar ao mestre prudência e moderação. O objecto dos amores de Cataldo era, por essa altura, uma Lianor, talvez como a de Buchanan, meio século depois, e muito menos virginal do que a outra que, nos versos de Camões e Rodrigues Lobo, *Descalça vai para a fonte*.

E foi também ao conde de Alcoutim já adolescente, se não adulto, e não ao rapazinho a quem Cataldo começara a ensinar após o regresso de D. Manuel de Castela, em Outubro de 1498, foi, portanto, ao jovem D. Pedro de Meneses, que Cataldo expôs as suas vistas definitivas sobre o matrimónio:

Vxorem duxi nunquam nec ducere persto.

A composição onde este e outros versos, que me abstenho de citar, se encontram, tem geito e sabor ovidianos e é uma autêntica peça do género *Ars Amatoria* (2).

Cataldo já por então com mais de cinquenta anos — *senex* chama a si próprio numa outra peça da mesma época — não deve ter mudado de propósitos.

Quem eram então os *pueri*? os três *barbati pueri* da tradição biográfica hoje corrente?

Não eram filhos decerto, como se tem entendido até aqui, mas criados.

De dois fala Cataldo numa carta a Jorge Furtado, parente do seu régio discípulo D. Jorge, pelo lado de D. Ana de Mendonça.

É uma carta de recomendação e nela se queixa o humanista, de D. Jorge e da falta de consideração que por ele mostra: «*Ceterum, his*

(1) *Notas Vicentinas*. Edição da revista *Ocidente*, Lisboa, 1949, p. 171, n. 42.

(2) Basta o título: «*Ad Comitum Alcotini de Puella tandem Mansuefacta et Quod Nulla Mulier Casta*», *Visionum libri*, H^oiiiij, v.^o.

omissis, ad sermonem illum tuum a te nuper super duobus pueris olim non minus illi domino quam mihi seruiantibus, factum, non inuitus uenio».

E Cataldo conta em pormenor como um dos *pueri*, Sebastião Gil, serviu a D. Jorge não menos do que a si, ainda em vida da tia, de quem era «conhecido e aceito», em Aveiro; como D. Jorge prometera tomá-lo a seu serviço e como o criado, farto de esperar o cumprimento de uma promessa, que nunca vinha, acabou por aprender a arte de barbeiro: «publicus euasit tonsor» — escreveu Cataldo.

O outro é Leão Rodrigues, já adulto, que espera em vão, há cinco anos, um lugar prometido a Cataldo, seu intercessor, no serviço de D. Jorge. Tudo sem resultado também.

O futuro Duque de Coimbra esquece-se do humanista que foi para ele um segundo pai e a todos concede favores e benesses, menos a quem mais devia fazê-lo. Cataldo sente-se diminuído, por si e pelos *pueri*, a quem prometera os seus bons ofícios, em paga dos serviços que lhe haviam prestado.

Não há dúvida de que os *pueri* são criados, sentido que a palavra tem correntemente em latim clássico.

Estes eram criados brancos e, pelo tom da carta, homens de condição livre. Mas no poema *Verus Salomon, Martinus* (1), um dos mais recheados de pitoresco, o Sículo conta como escapou de um assalto de que foi vítima quando, sozinho, pelo campo, se entregava às suas meditações poéticas.

Modestamente acrescenta que, em passeio, se faz acompanhar apenas de três criados. Trinta anos mais tarde, Clenardo em Évora não precisaria de mais de quatro servidores, se quisesse comprazer com a mania das grandezas, reinante ao tempo em Portugal, coisa que o bom flamengo não fez. Portanto, em princípio do século xvi, quando o luxo e a ostentação eram mais reduzidos (2), o Sículo com os seus três criados ou mais, não estava mal servido nem fazia figura de pobretão.

Os três criados de Cataldo são pretos, certamente escravos, e chamam-se António (ou talvez, Antão), Pedro e Simão:

*Aethiopes aberant: Anto, Petrusque, Simonque
Non mecum plus his tribus ire solent.*

(1) *Visionum libri*, G^o-ij.

(2) Cf. A. Costa Ramalho, «D. João II, a Jarreteira e o Padrão», separata de *Biblos* xxxvii, p. 10.

A primeira sugestão que me ocorreu, a partir de *tribus*, foi a de uma reminiscência horaciana — também o venusino era servido por três criados — na Sátira VI do livro I, verso 116:

Cena ministratur pueris tribus...

Todavia, a indicação dos nomes dos servos afasta essa hipótese.

Provado que não tinha filhos, será igualmente fácil demonstrar que também não morria de fome, utilizando argumentos autobiográficos extraídos das suas próprias obras.

Assim, a tença a que me referi no começo desta nota deve ter continuado a ser-lhe paga, até o fim da vida, porque no *Ad Comitem Álcotini Liber Verus Salomon Martinus Inscriptus*, Cataldo proclama a sua isenção nos louvores dados ao conde de Vila Nova de Portimão (é ele o Martinho, “*verus Salomon*”), dizendo que lhe basta a protecção do rei para viver:

*Non me fallit amor, quem paruo rarus adiui
Colloquio, nec spes unde paremus opes,
Me fauor et diui reficit clementia regis
Sumque senex uno principi laetus hero.*

O rei, segundo se lê nas *Epistolae* do humanista, encarrega-o a miúdo do ensino dos filhos dos magnates da corte, prova de que o considerava como estando a cargo do seu tesouro.

Em uma carta das *Epistolarum Secunda Pars*, dirigida a D. Manuel, afirma o Siculo exuberantemente o seu contentamento, mas lamenta não ver com maior frequência o soberano, embora se encontre ao seu serviço : «Estou contente — diz — mais do que pode acreditar-se, visto como nada me falta: nem o ouro real, nem o palácio real, nem a protecção real e mais do que o palácio inteiro é-me grata a natureza, dado que sou caçador» (1).

Mas existem passos numerosos de outras cartas em que se queixa de atraso no pagamento, não por culpa do rei, mas dos funcionários

(1) «Cataldus Emmanueli Regi D. N. S..

Laetus sum supra fidem, cum nihil mihi desit : non aurum regium, non palatium, non asyllum regium, totoque palatio mihi natura uenatori longe carius. Idem, quoniam a serenissimo aspectu tuo tam diu absum, licet in Celsitudinis tuae seruitium occupatus, maestissimus incedo. Quod ut tua sapientia temperes, uelut ante pedes prostratus supplex oro. Vale»,

do tesouro. E os queixumes contra o seu antigo pupilo D. Jorge, mestre de Santiago e duque de Coimbra, de quem se declara vassalo, andam em parte à volta da mesma questão pecuniária.

Algures na *Epistolarum Secunda Pars*, repetindo quase a atitude para com o rei, na carta atrás citada, declara-se satisfeito com os aposentos que lhe foram atribuídos, mas queixa-se de só ele, entre os súbditos ducais (incluindo os de cor) não receber o seu pagamento diário : «Posuisti Cataldum in empyreo caelo, ministri tui illum caelesti cibo uesci prohibent. Caelum empyreum esse reputo, domos quas tuo iussu commo-dissimas amoenissimasque, quietissimus habito. Caelesti alimento uitaque me priuari sentio cum cernam omnibus alumnis tuis etiam Aethiopibus solui soli Cataldo negari diaria» (1).

E com certeza, além do estipêndio ora do Rei ora do Duque, ou de ambos, não lhe faltavam presentes de outros amigos nobres: do Marquês de Vila Real, do Conde de Alcoutim, de antigos e actuais alunos ou dos seus familiares. A tal objectivo destinava Cataldo também os hexâmetros e pentâmetros dactílicos que a Musa interesseira lhe inspirava.

Em carta (2) ao Conde de Alcoutim a quem dedicara o *Verus Salomon, Martinus*, poema encomiástico em honra de D. Martinho de Castelo Branco, não deixa o nosso poeta de, a propósito dessa obra, suscitar a emulação de D. Pedro de Meneses para com o «Salomon Martinus». Vai mesmo ao ponto de descrever em pormenor os requintes de amabilidade do Conde de Vila Nova de Portimão que lhe dera uma «capa de cor escarlate» (*toga coccinea*) para o humanista usar, quando sentado no seu *pluteus*, ou cátedra de trabalho. De passagem, diga-se que o Conde de Vila Nova devia ter sido uma personagem muito diferente da imaginada por Garrett para *Um Auto de Gil Vicente*.

E há notícia de outros presentes, como as perdizes oferecidas por D. João II (3), as especiarias dadas por D. Manuel, a mula prometida por D. Diogo de Sousa, etc.

(1) *Epistolarum Secunda Pars*, E-v, v.º.

(2) *Epistolarum Secunda Pars*, E-ijj, v.º.

(3) Em troca, o vate promete mais versos do que penas têm as perdizes. E se mais houver, assim gordas, grande volume comporá sobre o Rei e os grandes:

*Non tot perdices habuere in corpore plumas
Pro dono mittam quot tibi uersiculos.
Atque ita si posthac tam pingues saepe feruntur,
De te, deque ducibus grande uolumen agam.*

(Poemata, p-ij, v.º)

Não era, portanto, vítima da fortuna o lamentoso e gemebundo Cataldo Parisio Sículo.

II

Tem-se dito, e a tradição não foi impugnada até hoje, desde o *Clenardo* (1) do Prof. Doutor Gonçalves Cerejeira, que Cataldo se correspondeu com o famoso cardeal Bessárior, uma das maiores figuras da Igreja no século xv.

Não se reparou, todavia, em que as datas são de todo contrárias a essa hipótese.

O Bessárior, correspondente de Cataldo, pertencia sem sombra de dúvida à família bolonhesa dos Malvezzi, em latim Malvicii, como o humanista lhes chama e o Autor destas linhas traduziu literalmente por Malvícios, em anterior trabalho.

Ora o famoso cardeal foi governador de Bolonha, em nome do Papa Nicolau V, de 1450 a 1455. Se nos lembrarmos de que, no fim desse tempo, em 1455, nasceu Cataldo na Sicília, e de que o tom das cartas trocadas entre ele e Bessárior é o natural entre homens novos da mesma idade, logo se nos afigura impossível que a correspondência de Cataldo fosse dirigida ao cardeal. Este, aliás, faleceu em 1472, aos 77 anos, quando o nosso humanista andaria nos dezassete.

Eis um dos textos mais reveladores : «Morra eu — escreve Cataldo—, se tu não deves ser colocado à frente de todos os da tua família, segundo o juízo de homens ilustres. Tu que mal saído da puberdade («uix pubertatem excedens»), em palavras e em actos, te conduzes mais divina que humanamente» (2). E quando o seu amigo morre, na juventude, diz dele Cataldo : «Erat enim Bessario Maluicius alter ego» (3).

Bessárior é um nome próprio. Assim se chamava um monge bizantino do século iv, de quem tomou o seu nome de religião o futuro cardeal, quando entrou para a Ordem de São Basílio.

(1) *O Renascimento em Portugal—Clenardo*, Coimbra, 1918, II, 64 (nota).

(2) «[...] Dispeream nisi iudicio clarorum uirorum omnibus tuis sis praefendus: qui uix pubertatem excedens, tum dictis tum factis tuis diuinitus te potius quam humanitus geras. Aetas nihilominus iuuenilis, merita laudum praemia non reportat. Ferendum est aequo animo... quousque adueniat tempus quo omnia tibi rectissima lance pensabuntur. Vale». *Epistolae I*, e^v, v^o.

(3) *Epistolae I*, f^{iiij}. Cf. sobre o Cardeal Bessárior o artigo de Camillo Corsanego in *Studi Romani*, XI, 3, 1963, 280-287.

No século, o grande prelado e filósofo platonista chamava-se João.

É natural, pois, que o amigo de Cataldo tivesse recebido, por sua vez, o nome de Bessárion, em homenagem ao legado de Nicolau V, pois, sendo provávelmente de idade próxima à do humanista, teria nascido durante os cinco anos em que Bessárion residiu em Bolonha.

Os Malvezzi eram uma das principais, se não a principal família da cidade, e não é difícil que Bessárion Malvezzi fosse seu afilhado.

Portanto, o amigo de Cataldo não era o grande cardeal, hoje muito recordado a propósito da união dos cristãos orientais e ocidentais, pela qual se bateu a vida inteira, e, de modo especial, no concílio de Ferrara e Florença, concluído na última cidade, em 1439.

Não era ao famoso prelado, glória das duas igrejas cristãs e símbolo de união das culturas grega e latina, pois era exímio em ambas, aureolado, além disso, pela reputação de uma vida exemplar de sacerdote, que Cataldo se meteria a dar conselhos de prudência.

Várias cartas do humanista mostram o seu interesse, aliás baldado, em conseguir, graças a Bessárion Malvezzi, uma recomendação de um cardeal seu amigo («ex cardinale tuo»), talvez membro da poderosa família. Seria o prestigioso antistite esse cardeal? Não é natural que fosse, pois Cataldo, em certa altura, escreve de Ferrara (1), claramente depois do insucesso das pretensões que alimentara em relação ao Collegium Ancarani (2), para o qual havia contado com a protecção dos Malvezzi. Ora este acontecimento verificou-se bastantes anos depois da morte do prelado bizantino.

E se à morte do cardeal Bessárion, em 1472, Cataldo não teria mais de 17 anos, há que considerá-lo jovem demais para um posto de professor do Collegium Ancarani e, principalmente, para graduado de Bolonha, cidade que numa outra carta ao jovem Bessárion Malvezzi

(1) O seu correspondente estava então em Roma: «Cataldus Bessarioni S. / Si litterae meae uitam tibi praestare possunt (ut ais), Bessario, litteras quottidie a me expecta. [...] Tu tamen te ipsum temperare debes ñeque a uirili constantia flecti. Quin etiam meminisse debes te Bessarionem esse, ex Maluitorum stirpe genitum. [...] Si autem tu omnibus uirtutibus non inferior tuis fratribus habereis, quid causae est cur maereas? [...] Considera aliquanto altius consilium illud meum. Statueram olim (ut scis) Bononiae uitam ad extremum ducere, deinde quia prospere mihi, quod sperabam, non successit, reflexi protinus uoluntatem. Atque urbem hanc Ferrariam commigraui [...]». *Epistolae I*, f-ij.

(2) Cf. o artigo citado na nota (1) da página 139.

mostra ter abandonado por Ferrara. Aliás, nada impede que lá tenha voltado mais tarde (Bolonha e Ferrara não distam muito entre si), pois aí pronunciou uma *Oratio... in omnium scientiarum et in ipsius Bononiae laudes*.

O seu amor pela universidade, revelado no respeito com que dela falou sempre (há testemunhos vários na sua obra), dá-no-lo como antigo aluno e formado por Bolonha. Demais, na *Oratio* refere ter estado para entrar ao serviço de Fernando, rei de Nápoles, e alude a um livro seu de que cita um trecho em louvor de Bolonha. Tudo isto parece muito para dezassete anos, e é natural, portanto, que se refira a uma época posterior.

Assim sendo, também nada impede que aos dezassete anos, ou ainda antes, tivesse solicitado uma recomendação do grande cardeal Bessáron, mas esta hipótese não me parece provável, porque as cartas parecem ligar os dois assuntos: Collegium Ancarani e recomendação.

Todavia, de uma coisa não pode haver dúvida: o Bessáron, amigo de Cataldo, não é o celeberrimo cardeal.

III

Cataldo nascera com bossa para corrigir os outros e grande tendência para querer endireitar o mundo. A franqueza com que dá opiniões na sua correspondência há-de ter chocado mais de uma vez a nobreza de Portugal.

E há sinais de uma certa moderação de tom, no volume II do seu Epistolário. Pela maneira joco-séria com que aí se fala de beijar mãos, vê-se que esta fórmula nacional da cortesia do tempo lhe deve ter sido imposta pelo sentido das conveniências, talvez contra o «tu cá, tu lá» do tratamento de latinista (1).

(1) «Cataldus Petro Menesio, comitum principi.

[...] Ferdinandus Alcasauus, uir omni bono omnique praeconio dignissimus tuas osculatur manus. Ipse manus osculatur, Cataldo quid ad osculandum relinquatur? aut pedes aut nihil relinquatur, mauult pedes quam nihil osculari. Igitur pronus tuos osculatur pedes. Vale». *Epistolarum Secunda Pars*, A^v.

Fernão Lopes considera portuguesa tal prática: «O Duque (pai da Rainha D. Filipa) mostrou que lho agradeia muito e fez geito de lhe beijar a mão, segundo costume de Portugal, mas el-Rei não lho quis consentir». (*Crónica de D. João I*, Livraria Civilização, Porto, II, p. 257).

Um assunto, porém, em que as suas opiniões nos interessam, e não foi devidamente estudado ainda, é o da educação. Toda a sua obra no-lo revela como um pedagogo compenetrado da necessidade de disciplinar não apenas as inteligências mas também a conduta social dos discípulos.

São conhecidas as informações que transmitiu ao Dr. Münzer (1) sobre a severidade com que educou D. Jorge. O encontro com o Dr. Monetarius é testemunhado pela própria correspondência de Cataldo, exactamente em relação com o ensino ministrado ao régio pupilo (2).

E as preocupações pedagógicas parecem ter-se acentuado com a idade. É com efeito nas obras do final da sua vida que o tema dos cuidados a ter com a educação dos filhos, sobretudo na adolescência, vem a tornar-se obsidiante para esse homem que nunca casou e nunca criou filhos. Talvez observasse uma certa indisciplina de costumes à sua volta, que lhe parecia de mau augúrio na juventude, «aquela idade — como ele diz em verso — mais perigosa e pior para o homem do que as outras, e que mais requer o auxílio de um responsável. Quem nela se encontra, não é adulto nem criança, não tem desta o medo nem daquele a vergonha»:

*Haec homini grauior peiorque aetatibus aetas,
Curantis maius postulat auxilium.
Non homo, non puer est, quicumque existit in illa,
Non metus ut puer, non pudor ut que uiro.*

(1) *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer*, tradução da parte referente a Portugal, de Basilio de Vasconcelos em *O Instituto*, vol. 80 (Coimbra, 1930), especialmente as páginas 549-50. O artigo conclui no vol. 83 (Coimbra, 1932) da mesma revista. Foi-me indicado pelo Prof. Doutor Costa Pimpão a quem aqui agradeço a nota. Inicialmente, havia eu usado a tradução espanhola de José López de Toro, que tem o grande inconveniente de não dar o original latino, decerto muito preferível às duas versões, quer portuguesa, quer castelhana.

(2) Em carta ao próprio D. Jorge: «[...] nam si Hieronymo Monetario alemano, docto grauique philosopho ex oculis pientissimae lacrimae multis praesentibus, cadebant, qui te nunquam antea uiderat, solum tunc primum perspecta peritia ac excellenti indole, gaudio et laetitiae lacrimas immiscuit [...]». *Epistolae I*, b-ij, v.º.

Escrevendo a D. Jorge, anuncia-lhe a visita de alguém, cujo nome não indica, e recorda o Dr. Münzer: «[...] Interim te ad aliquam luculentam orationem praepara. Videbis alterum Monetarium. [...]». *Epistolae I*, c-v, v.º.

Estes dísticos do *Verus Salomon, Martinus* têm eco nas poesias manuscritas que se encontram na Biblioteca e Arquivo Municipal de Évora e ficaram por imprimir.

Assim, no *Angelorum et Musarum Triumphus, Gonsaluo Martini Filio Congratulantium*, composição em verso elegíaco com que consola D. Martinho Castelo Branco da morte do seu filho Gonçalo, a teoria da severidade na educação dos jovens é advogada pelo próprio rei D. Manuel.

E no livro terceiro do poema *De Diuina Censura et Verbo Humanato*, também manuscrito, dedicado ao cardeal Bernardino, depois de Março de 1513(1), volta a insistir:

*Qui castigat, amat: qui non castigat alumnos
Negligit et tacitus perituros mittit abire
Incastigatos et nullo uerbere caesos.*

Na educação dos rapazes da nobreza, incomodava Cataldo a benevolência excessiva das mães que lhe parecia de consequências mais desastrosas na boa criação dos filhos, que a tradicional maldade das madrastas.

Repetidamente pregava aos pais do seu conhecimento, tudo gente nobre, que o caminho dos vícios estava para seus filhos no excesso de facilidades, na bolsa recheada, na aprovação tácita e até risonha dos seus dislates, como se esperassem vê-los melhorar com os anos, não se preocupando em corrigi-los.

Em sua opinião, o aprendizado do latim devia começar cedo e incluir a leitura assídua dos autores em prosa e em verso e a composição latina, pelo menos epistolar, como exercício constante. A D. João II recomenda que obrigue o filho ao estudo de cem versos diários de Horácio, numa altura em que estava ausente:

*Filius interea non praetermittat Horati
Cottidie centum carmina construere. (2)*

Tomo aqui *construere* por «preparar» e *carmina* por «versos», possivelmente dactílicos, e não por «odes».

(1) Cf. o artigo citado na nota (1) da página 139.

(2) *Poemata*, o-vij.

Escrevendo a D. Álvaro, irmão do Duque de Bragança sentenciado por D. João II, e pai de D. Beatriz de Vilhena que um ano antes casara com D. Jorge, filho ilegítimo de D. João II, agora Duque de Coimbra e Mestre de Santiago, Cataldo detém-se a dissertar sobre a educação dum pequeno, filho de D. Álvaro de Bragança. Como o humanista se refere ao *Epithalamium* escrito a propósito da filha de D. Álvaro, no ano anterior, a Epístola pode ser datada de 1501.

Nessa carta (1) a respeito do rapazinho, também chamado Jorge, diz-se que nos poucos dias em que Cataldo o ensinou, de dia e de noite («paucis enim diebus quibus cum eo...dies noctesque uersatus sum»), ele progredira mais do que nos seus estudos latinos do triênio anterior. Como por aqui se vê, Cataldo não era muito benévolo com os outros mestres de latinidade, que ele devia considerar muito abaixo do seu próprio nível.

O pequeno tem nove anos e começou, portanto, o seu latim aos seis anos ou talvez ainda antes. O método usado é o da prática assídua, contínua, «nocturna manu et diurna», como Horácio recomendava aos seus compatriotas fizessem com os modelos gregos.

Os resultados eram brilhantes, sobretudo quando o discípulo era inteligente e dócil. Com as crianças entendia-se bem Cataldo que recompensa o pequeno Jorge, decerto justificadamente, com chamar-lhe «angelus». O pior eram as rebeldias da adolescência que davam que fazer ao humanista. E a agravar as coisas, estava a pieguice materna, a demasiada solicitude, em sua opinião, com a comodidade e o bem-estar dos jovens.

Ao seu zelo de pedagogo não escapavam as mães da alta nobreza, mesmo D. Maria Freire, a Marquesa de Vila Real, que é repreendida numa carta (2), por ter feito reparos ao muito que Cataldo fazia estudar o seu primogénito, D. Pedro. A acreditar nas palavras do humanista, tanto ele como sua irmã, D. Leonor de Noronha, foram os seus dois mais brilhantes alunos.

(1) «Cataldus illustrissimo Alvaro, Lusitaniae praesidi S.

[...] Georgius filius uix nonum compleuit annum et tanta sapientia tantisque moribus enitere dignoscitur ut carmina illa quae anno abhinc uno cecinimus in Epithalamio a nobis tibi dicato quam aptissime huic angelo conueniant. Annorumque nouem formaque Georgius [...]. *Epistolarum Secunda Pars*, B^oij.

Nas *Epistolae I* (d^ovi), que foram publicadas em 1500, o pequeno Jorge tem oito anos: «[...] hunc sequitur Georgius annorum octo [...]».

(2) «Times falso ne filius ob uirtutes capessendas aegrotet». *Epistolae I*, c-ijj, v.º.

E note-se que a Marquesa de Vila Real pertence ao número das mulheres latinas da corte, a quem Cataldo faz os mais rasgados elogios. Outras foram a Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, a Infanta D. Joana, irmã do mesmo Rei, a Rainha D. Maria, segunda esposa de D. Manuel, e D. Leonor de Noronha, atrás mencionada, filha de D. Maria Freire e irmã do conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses. A Rainha D. Isabel, primeira mulher do Rei Venturoso, saudada outrora em latim por Cataldo, na sua entrada solene em Évora, devia ser boa latina também, como suas irmãs (1). Não viveu, porém, o bastante para receber os encômios do literato siciliano.

Mas voltemos ao segundo Conde de Alcoutim, e, mais tarde, terceiro Marquês de Vila Real, aluno incomparável de Cataldo. É o momento de corrigir D. Manuel II, com tanta afoiteza como a que ele usou com Barbosa Machado. Esperemos, todavia, que com maior segurança!

Vale a pena começar por transcrever as palavras do último e cultíssimo soberano da Casa de Bragança. Apoiando Sousa Viterbo que considerava a famosa carta a Valentim Fernandes de Morávia, como sendo da autoria de D. Fernando, segundo Marquês de Vila Real, e não de seu filho, o Conde D. Pedro, afirma categoricamente D. Manuel : «Sem dúvida tem razão, pois se a carta é de antes de 1499, data em que D. Fernando deixou de usar o título de Conde de Alcoutim, parece-nos que D. Pedro seria demasiado novo para escrever essa carta, e falar em composições da sua lavra: Barbosa, por consequência, errou mais uma vez, como seguramente também se enganou, atribuindo ao segundo Conde de Alcoutim a *Oratio coram Emmanuele Serenissimo Rege habita in Scholis Ulyxbonae* que afinal (ver Arthur Carvalho, *Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto*, p. 40) foi composta por seu avô, D. Pedro de Meneses, 1.º Marquês de Vila Real, que faleceu em 1499» (2).

E mais adiante acrescenta, ainda a respeito de D. Pedro: «[...] teria, pois, 17 anos quando foram impressas as obras de Cataldo: salvo ter sido um prodígio, não nos parece possível que as composições do Conde de Alcoutim, impressas por Valentim Fernandes nas *Epistolae* de Cataldo, sejam de D. Pedro: são sem dúvida de D. Fernando, e a *Oratio* é do velho Marquês D. Pedro» (3).

(1) Cf. A. Costa Ramalho, «Uma Bucólica Grega em Gil Vicente» in *Humanitas* xv-xvi (1963-4), 339-40.

(2) S. M. El-Rei D. Manuel, *Livros Antigos Portugueses (1489-1600) da Bibliotheca de Sua Majestade Fidelissima*, Londres, 1932, II, 52.

(3) *Ibidem*, p. 53.

Em conclusão, El-Rei D. Manuel deixa o pobre D. Pedro sem coisa alguma: a carta, pequena e modesta, é do pai; e a *Oratio* é do avô!

Salvo o devido respeito pelo ilustre bibliófilo D. Manuel II, há nestes dois trechos, que acabo de citar, uma colecção de inexactidões.

Antes de mais nada, não existem trabalhos do Conde de Alcoutim no volume primeiro das *Epistolae*, com excepção da carta que ele seria capaz de escrever (e escreveu, de facto) muito antes dos dezassete anos; quanto à *Oratio Habita a Petro Menesio Comite Alcotini coram Emmanuele S. Rege in Scholis Ulyxbonae* foi pronunciada pelo jovem Conde de Alcoutim, em 18 de Outubro de 1504(1), ao passo que D. Manuel a atribui a seu avô, também chamado Pedro. E, entretanto, este nunca podia ter sido seu autor por duas razões, pelo menos, a saber, a primeira é que tinha falecido em 1499; a segunda é que nunca havia sido Conde de Alcoutim.

A *Oratio* vem na *Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars* que D. Manuel nem possuía nem conhecia de vista. A informação sobre esta peça bibliográfica veio-lhe (como ele próprio informa) do livro de Artur Carvalho, *Os Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto*, saído em 1904. Aí se descreve o exemplar de Évora da *Secunda Pars*, segundo informações de António Francisco Barata.

No *Visionum Liber Tertius*, que D. Manuel não conheceu e se encontra manuscrito em Évora, há pormenores sobre as circunstâncias em que a *Oratio* foi proferida, desde a decoração da sala até a composição da assistência, e vem registado o êxito do jovem Conde. Só alguns versos a respeito da sua idade:

*Destinat huic operi Rex prudentissimus unum
Non aetate senem, moribus, arte, uirum.
Non oneri tanto poterat praeponere quemquam
Qui consumatum composuisset opus.
Quaecumque eloquitur, quaecumque uel efficit idem
Digna Catone refert, digna Catone facit,
Qui nec adhuc iuuenis bis denos attigit annos:
Excellens priscos exsuperauit auos (2).*

(1) Cf. Prof. Doutor Luís de Matos, «Nótulas sobre o Humanista Italiano Cataldo Parisio Sículo» in *A Cidade de Évora*, 35-6, 1954, p. 12, n. 47. Parece-me perfeita a demonstração da data, apresentada pelo Autor deste importante artigo.

(2) *Cataldi Visionum Tertius Ad Emmanuelem Triumphantissimum Regem*, C°vj.

Portanto, o Conde não tinha ainda vinte anos, quando falou na Universidade, em 1504. Se tivesse nascido em 1482, como propunha D. Manuel, teria então vinte e dois.

Creio, porém, preferível aceitar os dados cronológicos oferecidos pelo próprio Cataldo na Epístola já citada, a D. Diogo de Noronha, aquela em que o Sículo fala da sua «esposa castíssima». Aí se diz que o sobrinho de D. Diogo de Noronha, o Conde de Alcoutim, era então um rapaz de doze anos (1) e que há um ano estudava com extraordinário aproveitamento sob a direcção de Cataldo.

Ora nós sabemos, por outras peças da *Epistolarum Prima Pars*, que o rapaz (que só começou a chamar-se conde, quando o avô morreu, em 1499) tinha tido por professor, antes do Sículo, um mestre a quem este chama Simon Valascus; e também, que Cataldo só começou a ensiná-lo, depois do seu regresso de Castela — como atrás disse — em Outubro de 1498. A carta a D. Diogo de Noronha (que não tem data, como, aliás, nenhuma das restantes cartas) deve sei de 1499. Já nessa altura o conde, com 12 anos de idade, era um prodígio: já faz discursos em público, mesmo diante do Rei, em latim (está claro), e comenta autores latinos.

E Cataldo acrescenta para D. Diogo de Noronha aquilo que nós saberíamos, mesmo que ele o calasse: «que, sem a indústria do preceptor, tal não poderia acontecer».

Portanto, quando escreveu a carta, em 1499 ou 1500, D. Pedro teria doze ou treze anos, e não dezassete, contra o que D. Manuel julgava. Deste modo, nascido provávelmente em 1487, teria em 1504, à data da *Oratio* na Universidade de Lisboa, então, de facto, os dezassete anos. Isto condiz com a cronologia poética de Cataldo:

Qui nec adhuc iuuenis bis denos attingit annos.

(1) «Quae Comes nepos non ut puer duodecim annorum qui per annum sub Cataldo didicisset, sed ut uir qui decennio uehementissimam litteris operam dedisset: primum apud Sacrum Collegium, mox coram Rege omnibusque regni principibus tum orando tum linguae Latinae difficillimos auctores exponendo edidit. Quae omnia sine praeceptoris industria fieri non poterant». *Epistolae I*, g^ovi.

*Iamque duos annos lustris proeucta duobus
Inchyta progenies plenius addiderat
Rhetoricam imprimis doctoris more legebat
Multaque mox doctos publicus alta docet.*

(*Visionum Liber Tertius*, D^oiv, v.^o)

É ainda o humanista quem nos diz que a oração durou mais de meia hora, tempo que ao Rei, de embevecido, pareceu um momento apenas :

*Nam cum dimidia consumpta est plenior hora
Momentum Regi quae breue uisa fuit.*

Compreende-se a satisfação de Cataldo pelo êxito deste louvor das artes e ciências da época, com especial relevo para as Humanidades, feito por uma alta figura da nobreza.

Cataldo é autor da primeira defesa humanística da nova cultura, editada em Portugal (1). Ver os seus princípios partilhados e defendidos, com notável êxito, por um rapaz de dezassete anos, que ali mesmo, *ipso facto*, apregoava os méritos do ensino do mestre, devia ser não pequena satisfação.

Aliás, o humanista não era fácil de contentar. Com efeito, nas *Epistolae* há uma carta sua para a marquesa de Vila Real em que Cataldo se mostra amuado com as deficiências de uma das exhibições públicas do conde que parecia ter agradado a toda a gente menos ao seu preceptor, que esperava mais (2). Seria uma das demonstrações realizadas ao fim de um ano de ensino, quando D. Pedro recebera já o título de conde, por morte de seu avô. D. Fernando, seu pai, herdava o título de marquês de Vila Real, deixando ao filho o de conde de Alcoutim, de que ficava sendo o segundo detentor. Também a Oração na Universidade de Lisboa, em presença do Rei, no dia de São Lucas de 1504, não deixou satisfeito Cataldo. Não obstante os elogios sem reservas dados no *Visionum Liber Tertius*, que é dedicado a D. Manuel I, a verdade é que o mestre, em carta à mãe (3) do discípulo, se queixava ora

(1) «Cataldus Ferdinando Menesio magnanimo principi, Marchioni excellentissimo S.». *Epistolae* I, i-vi segs..

(2) «Retulit tuo nomine Simon Valascus, Comitum filii tui quondam praeceptor, te maxima fuisse affectam molestia, quod omnes una uoce, etiam inclytus dux Regis nepos, ad sidera usquam laudassent lectionem illam totumque actum a filio tuo in Studiis coram Sacro Collegio confectum, et quod ego non abierim ut ceteri contentus te ualde mirari, inde filium adeo tristatum ut a multis lacrimis se nequeat temperare». *Epistolae* I, c^o iij, v^o.

(3) «In omnibus et fatebor et gloriabor meum fuisse discipulum, in tam summissa orando uoce, fateri non audebo, potius negabo. Semel nimia dicendi celebritas me atrociter uulnerauit nunc humillima actio cecidit et prorsus sepeliuit». *Epistolarum Secunda Pars*, A^o iv, v^o.

da voz, que foi baixa demais, ora da rapidez de elocução, que ocasionalmente saiu demasiada.

A precocidade de D. Pedro não deve surpreender-nos: mais difícil do que recitar uma oração latina de meia hora, aprendida de cor, é fazer uma colação de manuscritos de Ovídio, com espírito científico, e esse trabalho levou a cabo o filólogo holandês Heinsius (1), quando tinha dezasseis anos.

* * *

4

Resumindo. Cremos ter corrigido no presente trabalho três pontos relativos à biografia e actividade cultural de Cataldo Parísio Sículo.

Primeiro: não teve três filhos nem com eles viveu na miséria. Segundo: não se correspondeu com o cardeal Bessáron, mas o destinatário das *Epistolae* enviadas a um amigo com esse nome é Bésarion Malvezzi, de uma conhecida família de Bolonha. Terceiro: a *Oratio Habita a Petro Menesio Comite Alcotini coram Emmanuele S. Rege in Scholis Ulyxbonae* foi de facto pronunciada por D. Pedro, segundo conde de Alcoutim, quando ainda não tinha vinte anos, e não por seu avô, do mesmo nome, primeiro marquês de Vila Real.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1) Cf. E. HULSHOFF POL, «Heinsius et Ovide» in *Eranos*, LII (Upsala, 1955), 78-80.